

Mozart Soriano Aderaldo

Vinícius Barros Leal

O esforço educativo de uma entidade cultural mede-se pelo interesse em manter um órgão para divulgar a produção de seus associados, boa biblioteca e a possibilidade de tornar o seu acervo proveitoso aos que a procuram.

O sacrifício exigido para manter uma Revista só faz beneficiar os que se movem no sentido de alcançar e sustentar semelhante empreendimento. O que tem feito o Instituto do Ceará, apesar de todas as dificuldades, conservando em dia o seu compromisso de editar a Revista, com artigos do maior interesse para a historiografia cearense, e levar aos interessados os conhecimentos e soluções de suas dúvidas, a segurança dos conceitos, opiniões e julgamentos dos fatos, com imparcialidade e competência.

Não foi outro o sentido que deu à vida dentro do Instituto, o consócio que hoje homenageamos.

Mozart Soriano Aderaldo foi um homem pleno de ideais, com desprendida dedicação aos interesses da coletividade intelectual do Ceará. Provou isto aqui no Instituto e, seguramente, em todos os campos de sua multifária ação. Empenhou-se em aproveitar todas as oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de sua excepcional disposição em promover a cultura de nossa terra.

Como membro efetivo do Instituto do Ceará tomou a responsabilidade de empregar muito de sua energia aqui, pesquisando, divulgando e contribuindo para projetar a sua diletta instituição. Foi uma missão semeada de dificuldades, mas que ele, com seu senso prático e vantajoso, conseguiu tudo ultrapassar na realização de um ideal de vida. Sua trajetória concorreu para o engrandecimento próprio e dos companheiros. É inegável, podemos hoje aquilatar, o valor da atuação de Mozart aqui e em

outros associação culturais, sociais, religiosas e filantrópicas. Para o Instituto do Ceará trouxe ele ao transpor as suas portas, apesar de pouca idade ao seu ingresso, uma avantajada bagagem de trabalhos em diversos campos, desde aqueles reveladores de uma verdadeira liderança, já notada nos tempos acadêmicos, até as manifestações mais evidentes de um autêntico guia comunitário. Apresentou a força das suas convicções pela aptidão e persuasão íntima de saber bem defendê-las.

No nosso meio animou as reuniões quinzenais com a apresentação de trabalhos de pesquisa e interpretação, e concorreu para elucidar alguns pontos obscuros da história do Ceará. Necessitaria eu de muito tempo para referir e detalhar toda a enorme lista de realizações do nosso homenageado; porém, em vista dessa circunstância, apresentarei apenas, quase que pelo sistema da amostragem estatística, e sistemática, parte dessa diversificada produção, a mais considerável em importância e significação, nesses quarenta e cinco anos de sua presença no Instituto do Ceará.

Nesta exposição vou realçar especialmente os primeiros dez anos e os dois períodos de administração como presidente. Os vinte e dois anos que intermedeiam sendo observados de relance, ficando a sua análise para ser efetivada posteriormente, em outra oportunidade.

Então, da data da posse, em 1950 ao final dessa década, foi notória a constância e pontualidade de Mozart no Instituto, logo manifestadas, revelando uma dedicação e mesmo, um grande entusiasmo no novo confrade. Com uma freqüência de quase 100% no cumprimento deste dever estatutário e, mais do que isto, manifestando uma verdadeira afeição, um sentimento que deve ser sempre evidenciado como exemplo em todas as crises da nossa instituição.

A presença do nosso saudoso companheiro não se fez esperar hoje na centenária Revista; já tendo aparecido no tomo relativo ao ano de 1948, com uma excelente contribuição intitulada "Colonização das terras do Ceará", início da sua brilhante trajetória de constante colaborador. Este estudo mereceu do historiador José

Honório Rodrigues a classificação de “excelente, pelas informações de caráter jurídico da administração das terras devolutas”, considerando ainda o notável membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil “um trabalho prático e bem fundamentado de apreciação histórica”. Da mesma maneira apreciou José Honório o segundo trabalho de Mozart na Revista de 1951, achando o artigo “Considerações em torno das três últimas reformas administrativas no Ceará” “um estudo rico de crítica da política administrativa brasileira”. Um terceiro artigo sobre o mesmo assunto teve o escopo de apontar irregularidades na reforma de 1953. Antes, porém, Mozart, na Revista de 1950, publicaria um estudo genealógico de sua família, atendendo o apelo da diretoria do Instituto, que pedira aos sócios que apresentassem semelhantes trabalhos sobre as suas famílias. A esta pesquisa seguiu-se outra, sobre as famílias Cartaxo e Rolim. O padre Longino de Melo foi excelentemente biografado por Mozart na Revista de 1954, aproveitada a oportunidade para a divulgação de notas sobre os costumes e época na região nordestina. E por aí prosseguiu o nosso consócio nessa década, apresentando a cada tomo novas contribuições, que vão desde as suas memórias no Colégio Cearense, na Revista de 1955, a trabalhos de crítica literária sobre Capistrano de Abreu, Eduardo Campos e Couto Cartaxo.

Nos anos de 1958 e 59 Mozart toma-se de um verdadeiro interesse em descrever Fortaleza dos recuados tempos de sua infância e juventude, produzindo alguns trabalhos de muito gosto sociológico, lançados nas revistas desses anos, artigos excelentes sobre as ruas Barão do Rio Branco, Major Facundo e o bairro da Prainha. Apenas em 1952 deixou Mozart de colaborar na Revista, certamente em virtude de sua maior presença nas salas de aulas da Universidade Estadual e na Fac. de Ciências Econômicas, tendo feito parte, também nesse decênio, de bancas examinadoras de concursos de professores. Se mais não produziu deve-se ao fato de suas repetidas ausências de Fortaleza, para representar o Estado ou o Instituto no Recife, no Congresso de História, no Paraná, nos festejos comemorativos do centenário do Estado e também no Crato, Cajazeiras e Mossoró em solenidades come-

morativas de datas jubilares. Outra permanência mais demorada fora do Estado ocorreu em 1955, quando cumpriu uma bolsa semestral de estudos na Escola Brasileira de Administração, da Fundação Getúlio Vargas. Na mesma década Mozart ocupou os importantes cargos de Consultor Jurídico do Estado, no Governo Parsifal Barroso, e de chefe da Assessoria Técnica do mesmo governo. Na UFC, em 1958 colaborou no Departamento de Estudos Sociais Aplicados. O seu livro de crítica literária (Livros e Idéias) teve a sua primeira edição em 1954.

Pela demonstração do grande interesse pela Revista do Instituto as diretorias da década de cinquenta e posteriormente, outra, confiaram-lhe responsabilidades diretamente ligadas ao importante setor. Assim, logo em 1952 passou a compor a Comissão de Publicações, que tinha encargos na Revista, no Boletim e nos demais obras editadas aqui. Funcionava junto ao Instituto uma gráfica, regularmente equipada, que sob as vistas e orientação dos confrades Martins Filho e Joaquim Alves e agora Mozart, lançava as produções dos membros do Instituto e de colaboradores convidados. Durante alguns anos a Comissão teve a ajuda eficaz de Pompeu Sobrinho, Carlos Studart Filho e Fran Martins. No afã de juntar as colaborações, de acompanhar a impressão, de revisar, diagramar e acompanhar o processo até à distribuição, primeiramente aos membros do Instituto e depois aos de fora, houve por parte dessa Comissão, um empenho ardoroso, com demonstração de maior interesse em divulgar o Instituto através de suas publicações.

Não ficou fora dessa preocupação do Mozart o cuidado com a Biblioteca, que já nessa época vinha sendo fichada por nossa futura consócia Conceição Sousa. Igual importância deu Mozart aos problemas internos do Instituto, estando sempre defendendo as opiniões que mais condiziam com a sua maneira de ver, que era a de exigir de si mesmo e dos demais companheiros a maior dedicação possível e o desejo de colocar o Instituto na dianteira das idéias e fatos relativos ao melhor conhecimento do Ceará em sua História, Geografia e Antropologia.

Assim, nunca faltou a sua presença marcante nas reuniões convocadas para reformas de Estatutos, nas decisões mais importantes, nos desafiantes trabalhos por ocasião das mudanças da sede, na defesa do patrimônio e na própria administração interna mais corriqueira.

Dessa maneira, com muita demonstração de um real interesse, Mozart, nesse primeiro decênio procurou ajudar a construir uma base segura para a solidariedade e harmonia, por achar isso indispensável à dignidade e eficiência do Instituto.

A segunda fase é a da consolidação do mais completo ajustamento do nosso homenageado à dinâmica da instituição, procurando ainda mais elevá-la com a inclusão de nomes, os mais conspícuos e respeitáveis, no nosso quadro social, e provocar a intercomunicação do Instituto do Ceará com os seus congêneres de outros Estados, para levar assim a uma maior divulgação das nossas realizações e aspirações. Mas o estudo desses vinte e dois anos demandaria uma grande tomada de tempo e, por isso, apenas aqui é bom que se esclareça que mesmo Mozart tendo ocupado cargos administrativos nos governos de Parsifal Barroso, Plácido Castelo e Virgílio Távora, jamais deixou de lado as suas obrigações perante o Instituto. Os seus artigos de crítica literária, de pesquisa e interpretação historiográfica, discursos e crônicas só deixaram de aparecer em cinco ou seis tomos da Revista nesses vinte e dois anos. No mesmo período exerceu ele as funções de Primeiro e Segundo Secretário em três gestões e de Vice-presidente em outras três diretorias, sem deixar de atender a outras atividades, tais como Diretor da Casa de Tomás Pompeu e membro das Comissões de Publicações, esta que depois se transformou em Comissão da Revista e da qual ele também tomou parte.

No final do ano de 1981 o Gen. Carlos Studart Filhos, Presidente perpétuo do Instituto, foi obrigado, por questão de saúde, a retirar-se do comando da instituição, passando os seus encargos às mãos do vice Mozart Soriano Aderaldo. O falecimento do general ocorreu a 6 de abril de 1982, assumindo o vice toda a responsabilidade da direção da quase centenária Casa do Barão de

Studart. Era uma substituição difícil, pois, Studart Filho dirigira por quase cinco lustro, com raro descortino, em regime de dedicação exclusiva, visando sempre o bem maior da instituição. Vulgo exponencial nas camadas intelectuais cearenses, bem conhecido fora do Ceará por suas pesquisas históricas reveladas em mais de uma centena de publicações, era considerado o grande conhecedor das coisas do passado do Nordeste, especialmente do nosso Estado. Era um homem profundamente ligado ao sodalício, sobrinho do Barão e com uma notável folha de serviços à Nação e às letras. Sócio do Instituto desde 1928, devotou-se com o máximo de esforço para fazer o Instituto manter a posição destacada que sempre ocupou no meio cultural brasileiro.

Mozart, assumindo esta direção para completar o biênio, de imediato fez uma análise da situação e tratou de tomar medidas cabíveis ao prosseguimento de seu governo. Sempre com o pensamento e a ação dirigidos para a Revista, cuidou de preencher duas ou três lacunas na coleção principal e de completar a segunda, o que conseguiu com a ajuda dos amigos e consócios. Logo surgiu um problema que já se arrastava, o da invasão do espaço aéreo do nosso prédio por uma firma comercial vizinha que colocara aparelhos de ar condicionado em local inadequado e interdito. Uma demanda judicial foi iniciada, seguida de sucessivas audiências, mas, por fim a Justiça deu ganho de causa ao Instituto condenando o infrator à retirada dos aparelhos e ao pagamento de todas as despesas judiciárias. Outra questão que exigiu muito esforço e deu muita preocupação foi a da segurança do prédio, arrombado por três vezes, com prejuízo de algumas máquinas de escrever. Inúmeras vezes a diretoria se deslocou à Secretaria de Polícia, conseguindo uma parcial ajuda no sentido de melhorar as nossas deficiências. A Biblioteca mereceu especial atenção, recebendo da nova consócia Conceição Sousa os cuidados de que carecia. A disposição interna da sede foi melhorada com a mais adequada colocação da Biblioteca de Capistrano de Abreu, trabalho de que se encarregou o consócio Raimundo Girão. Para as pequenas reuniões foi instalada na parte inferior uma sala que recebeu o nome do General Carlos Studart e decoração do consócio

Rubens Azevedo, que nela aplicou o seu talento e arte, adornando uma de suas paredes com as armas do Instituto. Além disso, no âmbito do reconhecimento dos méritos dos consócios que mais se empenharam no crescimento e prestígio do Instituto, foi outorgada a Medalha Barão de Studart a Martins Filho, Luís Sucupira e Djacir de Menezes.

Estes quinze meses de permanência de Mozart na direção da Casa contribuíram largamente para despertar nos demais componentes do sodalício a certeza das excepcionais qualidades administrativas do presidente, a ponto de fazê-lo retornar ao posto na renovação de diretoria na eleição de 1989. Foram outros dois anos que concorreram para demonstrar mais uma vez o seu especial desvelo aos importantes setores da publicações e da Biblioteca, difícil e desgastante encargo, porquanto é bem conhecida a incompreensão das pessoas e entidades ligadas ao problema, que fogem sempre ao atendimento da mínimas solicitações, rogos e empenhos de socorro e amparo aos mais justos pedidos. Apenas se podem excluir desse rol um pequeno número daqueles que nos atenderam, e é preciso que se destaque a excelente acolhida que deram ao Instituto a UFC, o BNB e a firma comercial J. Macedo S. A.

Na primeira reunião da diretoria ressaltou o presidente que pretendia administrar com a participação de todos, de maneira dinâmica, contando com a colaboração prestativa da antigos e novos consócios, em consonância com a mesma energia gerencial dos que o antecederam. E assim ocorreu. Um levantamento dos livros e revistas em estoque foi feito e colocados à venda boa parte deles, a baixo preço, aqui mesmo na sede, advindo algum numerário destinado às pequenas despesas. Ainda nesse primeiro ano de mandato foram tomadas providências para a aposição dos retratos dos sócios nas galerias e restauração dos que estavam danificados. As diversas Comissões foram convidadas para reuniões de eleição ou escolha de seus presidentes, o portão principal de entrada foi alargado convenientemente para permitir manobras sem perigo e, por ofício, os amigos do Instituto e as viúvas dos consócios falecidos convidadas a se fazerem presentes nas

sessões solenes. Também não ficou sem solução o problema da segurança nem o alojamento do vigia, que foi melhorado. A crônica e prejudicial falta de pessoal de secretaria, ordinariamente fornecido pela Secretaria de Cultura foi objeto de constantes visitas às autoridades componentes, mas, nem sempre com resultados positivos. Particularmente zeloso foi Mozart em relação ao cumprimento pontual da editoração da Revista, estando sempre tomando medidas e alertando os responsáveis para evitar o retardamento ou qualquer outro embaraço à saída do periódico. Além da Revista do Instituto outras publicações foram providenciadas, como o livro de memórias de Gustavo Barroso, saído em primorosa edição da Imprensa Oficial. O Instituto não deixou de tomar parte de nenhum acontecimento que significasse demonstração de menos caso à memória histórica do Ceará. Fez-se presentes nas homenagens ao General Antônio Sampaio, na colocação em lugar honroso de sua estátua e restos mortais, na reforma da Praça do Carmo e em muitos outros eventos.

Seria longo enumerar estas ocorrências durante os dois anos de profícuo mandato de Mozart, mas já estão aqui referidos aspectos diversos da constância de nosso saudoso ex-presidente, em ter por quarenta e cinco anos permanecido no propósito de servir ao Instituto. Uma pesquisa mais detalhada e paciente poderá melhor fixar a evolução dessa intensa dedicação.

Mozart conseguiu, em sua obra e em sua ação tornar conhecida a luta do nosso homem desde o passado irrevogável do qual emergiu como resultante das forças de tantas gerações a modelar um povo destinado a grandes empreendimentos. Dele podemos afirmar que, mais do que muitos outros, soube dar grandes lições quando encontrou e praticou a vocação a que Deus o destinou. A ele bem se aplica a máxima do livro de Daniel: "Aqueles que a muitos instruem na verdadeira ciência das coisas hão de brilhar como estrelas, em perpétuas eternidades".

O Instituto recebe hoje a coleção particular da Revista organizada cuidadosa e amorosamente por Mozart Soriano Aderaldo, fato e importância primordial para nossa Biblioteca setor de tanta

dedicação do doador. Na nossa mente ficará a imorredoura lembrança de quem teve um profundo respeito por nossa História e que, certamente, via neste gesto um encorajamento de quantos lutam para preservar a memória cearense. Esta coleção que de hoje em diante passará a ocupar um lugar de honra nas nossas estantes, será, por certo, um elemento catalisador do desenvolvimento e do progresso intelectual de muitos que a consultaram.